

O IMPACTO DA EXPOSIÇÃO PRECOCE ÀS TELAS: UM OLHAR MULTIPROFISSIONAL ACERCA DA INFLUÊNCIA NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

THE IMPACT OF EARLY EXPOSURE TO SCREEN: A MULTIPROFESSIONAL LOOK AT THE INFLUENCE ON CHILD DEVELOPMENT

Antônio Gabriel Morais da Silva Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil

antoniomorais2601@gmail.com

Stefani Vicente Saito Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil

stehsaito@gmail.com

Camila Miranda de Amorim Resende Centro Universitário Geraldo di Biase, Volta Redonda/RJ, Brasil

camila.mdamorim@gmail.com

Resumo A presente pesquisa é resultado de um estudo que buscou investigar, a partir da perspectiva multiprofissional, as mudanças ocorridas durante os primeiros anos da infância ocasionadas pela exposição precoce às telas e suas possíveis implicações no desenvolvimento infantil. Trata-se de uma pesquisa aberta, multicase, qualiquantitativa, de campo e bibliográfica, desenvolvida com dez profissionais, tanto da área da saúde, quanto da educação e que atuam diretamente com a faixa etária de 0 a 6 anos, contactados através da rede de comunicação dos pesquisadores. No primeiro momento, após sinalizarem a voluntariedade de participar da pesquisa, os profissionais participaram de uma entrevista semiestruturada e, posteriormente, responderam a um questionário complementar, via Google Forms. Dentre as respostas dos entrevistados, chama a atenção a associação de mudança de comportamento das crianças ao tempo de exposição às telas, onde 100% dos profissionais apontaram que percebem diferenças comportamentais no público infantil. Destacam-se ainda alterações comportamentais e cognitivas no momento presente percebidos pelos profissionais, como: baixa tolerância à frustração, agressividade, dificuldade na socialização e desatenção. Observamos uma alta preocupação dos profissionais em como a dinâmica entre telas está se desenhando junto às crianças, assim como a preocupação dos mesmos com os fatores estressores no meio social, profissional e familiar dessas crianças no futuro, caso sua relação com as telas não seja alterada. É pertinente destacar que a pesquisa não possui a pretensão de generalizar os danos que toda criança pode vir a demonstrar por conta do uso excessivo de telas, mas analisar a perspectiva desse grupo de profissionais acerca de seus alunos e pacientes, o que pode vir a contribuir com novos estudos nesta área do desenvolvimento humano.

Palavras-chave Infância. Desenvolvimento. Telas.

Abstract This research is the result of a study that sought to investigate, from a multi-professional perspective, the changes that occurred during the first years of childhood caused by early exposure to screens and their possible implications for child development. This is an open, multi-case, qualitative, quantitative, field and bibliographic research, developed with ten professionals, both in the health and education areas who work directly with the age group from 0 to 6 years, contacted through the network of researchers. Initially, after signaling their willingness to participate in the research, the professionals participated in a semi-structured interview and, subsequently, responded to a complementary questionnaire, via Google Forms. Among the responses from the interviewed, the association between changes in children's behavior and the time spent on screens exposure, 100% of professionals indicated that they notice behavioral differences in children. Also noteworthy are behavioral and cognitive changes perceived by professionals at the present time, such as: low tolerance to frustration, aggressiveness, difficulty in socializing and inattention. We observed a high level of concern among professionals about how the screens' dynamics are being developed with children, as well as their concern about stressors in the social, professional and family environment of these children in the future, if their relationship with screens does not change. It is pertinent to highlight that the research does not intend to generalize the damage that every child may

experience due to the excessive use of screens, but to analyze the perspective of this group of professionals regarding their students and patients, which may contribute with new studies in this area of human development.

Keywords Childhood. Development. Screens.



Licença de Atribuição BY do Creative Commons
<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Aprovado em 31/07/2024
Publicado em 31/08/2024

INTRODUÇÃO

A tecnologia tem se tornado cada vez mais presente na vida dos brasileiros. Dados da pesquisa “Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal”, realizada em 2021 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), destacam que 90% dos lares brasileiros possuem acesso à internet, sendo que dos 90% dos lares conectados, 99,5% fazem uso de smartphones. A partir desses dados, consegue-se compreender com mais clareza o tamanho do impacto da internet na realidade brasileira.

Durante o isolamento social devido à pandemia de COVID-19, muitas crianças foram impossibilitadas de sair de casa, ir à escola e interagir com outras pessoas da mesma faixa etária, tendo que, muitas das vezes, recorrer às telas como principal ou única forma de lazer e entretenimento. Segundo levantamento realizado pela Fundação Maria Cecília Souto Vidigal (2020), entre março e dezembro, o uso dessas ferramentas por crianças de 0 a 3 anos era de 15% e, com a pandemia e o isolamento social, saltou para cerca de 59%. Com o fim das restrições sanitárias, inúmeras crianças prosseguiram tendo acesso ilimitado e recorrente às telas, tornando contínuo o recurso que anteriormente fora usado para uma situação pontual.

Com o advento da internet, o avanço em seu alcance e o aumento da sua popularidade, é inegável afirmar que ela – em suas mais variadas formas – já está engendrada permanentemente no cotidiano da sociedade. Apesar de todos os seus benefícios, é importante olharmos para as lacunas abertas pela simbiose entre humano e máquinas, em especial para o ser humano durante o período da infância. Os campos psicológicos, sociais, psicomotores e neurológicos se destacam dentre os que podem ser mais afetados.

Partindo deste cenário, esta pesquisa se questiona sobre até que ponto a fusão “crianças + telas” é saudável para o seu desenvolvimento, tomando como base o recorte de um olhar multiprofissional. Importante ressaltar que quando citamos o uso de telas, estamos falando de recursos tecnológicos de comunicação, como televisão, tablet, videogame, smartphones, entre outros.

De acordo com a cartilha de recomendação da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) publicada e atualizada entre os anos de 2019-2021, é recomendado que crianças até os 2 anos de idade não sejam expostas às telas e crianças entre 2 e 5 anos limitem-se ao uso de 1 hora/dia e com supervisão dos pais e/ou responsáveis. Contudo, é perceptível no cotidiano desse público a carência do controle parental no tempo de uso das telas, assim como a falta de supervisão constante dos conteúdos aos quais a criança tem acesso e interage. Em relação à atuação do psicólogo, esse assunto se faz necessário tanto em uma perspectiva de sua

implicação no desenvolvimento infantil, quanto nas implicações posteriores, já na vida adulta, desses sujeitos atravessados desde os primeiros anos pela exposição exacerbada às telas.

Este trabalho se volta, assim, à compreensão do impacto do uso de telas no desenvolvimento de crianças de 0 a 6 anos de idade a partir do olhar multiprofissional, bem como busca analisar as ocorrências e possíveis implicações no desenvolvimento geral desses sujeitos, também com base no ponto de vista multiprofissional. Para tal, aprofunda o conhecimento sobre o desenvolvimento infantil dentro do campo da Psicologia, analisa como o impacto das telas sobre as crianças tem sido manifestado segundo o ponto de vista do público entrevistado, relaciona as referências bibliográficas encontradas com os resultados obtidos na pesquisa de campo e busca conscientizar sobre as consequências do contato precoce com as telas na infância e seus desdobramentos no desenvolvimento humano.

2 CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL DENTRO DO CAMPO DA PSICOLOGIA

O estudo do desenvolvimento humano é uma das principais fontes de informação do processo evolutivo do indivíduo. Papalia e Olds (2000) definem desenvolvimento como “o estudo científico de como as pessoas mudam ou como elas ficam iguais, desde a concepção até a morte” (Papalia; Olds, 2000, p.25 apud Mota, 2005, p. 106). Mota (2005) ainda reforça que é necessário considerar o contexto sócio-histórico das inúmeras variáveis, sejam elas cognitivas, afetivas, biológicas ou sociais, internas ou externas ao indivíduo que afetam o desenvolvimento humano ao longo da vida. Portanto, o sujeito desde seu nascimento é atravessado e inserido em diversos contextos, meios e vivências e será através desses pilares que o desenvolvimento se desdobrará. Afinal, mesmo que os seres humanos possuam sua própria individualidade, gostos e opiniões distintas, estas sempre são influenciadas pelo meio que vivem e será através da ampliação desse entendimento, à luz da Psicologia do Desenvolvimento, que será possível traçar parâmetros, defasagens no desenvolvimento e possíveis reflexões sobre o caminhar do progresso infantil para as fases posteriores da vida.

A criança, em linhas gerais [...] é compreendida como um sujeito social e histórico, de direitos, que é constituído pela sociedade, pelas riquezas da cultura, das mediações e que ativamente também é sujeito na constituição da sociedade. (Piletti; Rossato; Rossato, 2014 p. 105).

Sobre as teorias do desenvolvimento humano, vale pontuar que há perspectivas distintas postuladas por diferentes autores.

Jean Piaget compreende o processo de desenvolvimento cognitivo através de várias etapas evolutivas dentro do ambiente que a criança está inserida. Além disso, ele postula que esse processo ocorre através da assimilação e acomodação das informações e processos externos. Piaget e Inhelder (1966), no livro *A Psicologia da Criança*, discorrem sobre os quatro estágios de aprendizagem: sensorio motor, pré-operacional, operacional concreto e operações formais – aqui iremos nos ater aos dois primeiros por estarem atrelados à faixa etária a qual a pesquisa se debruça.

No estágio conhecido como sensorio-motor, de 0 a 2 anos, a criança começa a tomar compreensão do seu corpo, espaços e objetos ao seu redor. Com isso, começa a desbravar e descobrir como articular esses reflexos entre seu corpo e os estímulos que o ambiente possui. Os esquemas sensorio-motores, interligados ao funcionamento dos reflexos, hábitos e da própria inteligência, se destacam neste estágio. Sendo assim, será através desse desvelamento do ato de sentir e absorver esse ambiente que a criança conseguirá desenvolver a construção do real e do ambiente que ali está, já que o movimento e a sensação virão como habilidades em primazia muito antes de uma inteligência intelectual e consciência de si. No estágio pré-operacional ou simbólico, que compreende crianças de 2 a 7 anos, iniciam-se a aquisição da linguagem e de mecanismos simbólicos, com a possibilidade de associação entre um objeto e uma palavra. É um momento muito rico e que diz respeito a um período em que a imaginação da criança fica extremamente fértil, o que a leva a fantasiar consideravelmente. Também é característico da criança nesta fase a falta de compreensão de que outras pessoas pensam de maneira distintas a dela, ou seja, para elas o mundo é visto e concebido pelos outros da mesma maneira que é visto por ela, o que pode ser chamado de egocentrismo. Ao observar os estágios postulado por Piaget que destaca que o processo de desenvolvimento cognitivo da criança ocorre mediante a interação de seu corpo com o ambiente, fica a questão: até que ponto a redução dessa interação por conta do aumento a exposição às telas pode afetar o processo de maturação cognitiva das crianças?

Diferentemente de outros nomes que teorizaram sobre o desenvolvimento humano, Sigmund Freud ao postular sobre o desenvolvimento psicosssexual infantil apontou que “desde seu nascimento, o indivíduo é dotado de afeto, desejo e conflitos.” (Costa; Oliveira, 2011, p. 3). Em sua obra intitulada *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1901-1905), o pai da psicanálise sinalizou que o desenvolvimento infantil seria universalmente vivenciado em fases distintas, sendo elas: fase oral, fase anal, fase fálica, período de latência e fase genital, sendo que a última já compreenderia o período da puberdade em diante. Compartilhado pelos sujeitos, essas fases, segundo a teoria freudiana, seguem uma ordem cronológica, ainda que não rígida em relação às idades de início e fim. Sabendo que durante a fase oral os bebês exploram o mundo através da boca e que este órgão é seu principal meio de satisfação e

conhecimento da realidade que o cerca, como será a relação dos bebês nesta faixa etária com as telas, em especial com os dispositivos móveis que, por ventura, possam acessar? Durante a fase anal, a estimulação passa a ser direcionada para o controle dos esfíncteres e, conseqüentemente, a capacidade de controlar seu corpo passa a tomar outras formas e a criança busca essa sensação de controle em outras dimensões. Com base nisso, como os responsáveis manejam a exposição às telas de uma criança que está na fase dos “nãos” e que obtém satisfação à medida que busca ter controle do que faz? Muitos são os desafios que permeiam a fase inicial da infância e seu desenvolvimento, sobretudo quando o convívio com as telas se torna algo habitual, o que implica ainda mais nos desdobramentos que essas crianças irão vivenciar para além dos que já são esperados pela sua faixa etária.

O psicólogo canadense Albert Bandura, por sua vez, discorre sobre o desenvolvimento social desde do final dos anos 60, onde compreende que a criança aprende pelo processo de observação e imitação. “Todos os fenômenos de aprendizagem resultantes de experiências diretas podem ocorrer [...] através da observação de respostas de outras pessoas e de conseqüências que estas trazem para elas.” (Aguiar, 1998, P. 64). Portanto, as ações de adultos, como os pais e pessoas ao seu redor, influenciam de maneira significativa para que ela aprenda e absorva esses comportamentos. Dentro do processo de aprendizagem, o autor cita o termo modelagem, onde, por meio da observação, aprende-se também o que não quer, ou o que pode trazer algum prejuízo. “A modelação do comportamento é tão universal e familiar que em geral não a notamos, assim como não percebemos a enorme influência que exerce sobre nosso comportamento.” (Statt, 1977, p. 164). Alicerçado nesta perspectiva, fica a questão: o comportamento da criança em fazer consumo e uso de tela está diretamente relacionado aos pais e pessoas que circundam essa criança que podem, segundo a teoria, influenciar e servirem de modelo para esse aprendizado usando o celular e outras telas. Os membros da família têm dimensão da importância e influência que seus comportamentos afetam o desenvolvimento das crianças?

3 POSSIBILIDADES DE REPERCUSSÃO NO DESENVOLVIMENTO GLOBAL DAS CRIANÇAS EXPOSTAS ÀS TELAS

Quando pensamos sobre os desdobramentos que o uso em massa de telas pode ocasionar na vida de um sujeito – sobretudo na vida de uma criança em pleno processo de desenvolvimento e aprendizagem - abrimos um leque de possibilidades, com destaque para as conseqüências consideradas negativas. De acordo com a Coordenadora do Núcleo de Saúde e Brincar do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira

(IFF/Fiocruz), Roberta Tanabe (2022) “o uso excessivo de telas é um deles [efeitos significativos na plena evolução infantil] e tem sido associado a inúmeros desfechos nocivos de ordem física, cognitiva e comportamental.” Segundo dados da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) (2019-2021), são quinze os problemas principais que afetam as crianças e adolescentes na era digital da sociedade, entre eles podemos destacar:

- Problemas de saúde mental: irritabilidade, ansiedade e depressão;
- Transtornos do déficit de atenção e hiperatividade;
- Transtornos do sono;
- Transtornos de alimentação: sobrepeso/obesidade e anorexia/bulimia;
- Sedentarismo e falta da prática de exercícios;
- Transtornos da imagem corporal e da autoestima;
- Comportamentos auto-lesivos, indução e riscos de suicídio;
- Problemas visuais, miopia e síndrome visual do computador;
- Problemas auditivos e PAIR, perda auditiva induzida pelo ruído;
- Transtornos posturais e músculo-esqueléticos.

Importante ressaltar que estas principais alterações de comportamento e de saúde descritas na literatura científica estão frequentemente associadas entre si e consideradas de etiologia multifatorial ao se relacionar com o uso precoce e excessivo das TICs [Tecnologias da Informação e da Comunicação]. Por isso, torna-se imprescindível avaliar todos os fatores predisponentes e precipitantes das queixas que são apresentadas [...] (Sociedade Brasileira De Pediatria, 2019-2021, p. 5).

Visualizando o tamanho da presença e impacto que as telas têm no dia a dia da sociedade, faz-se necessário uma melhora no manejo desse contato, a fim de otimizar e possibilitar novas formas de uso. Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013) corroboram com esse pensamento e pontuam que é incontrolável esse acesso às telas, pois estamos cercados por ela. O grande desafio é transformar toda essa exposição em algo saudável e capaz de agregar o desenvolvimento das crianças.

A nossa tarefa como cuidadores, pais e cidadãos do século XXI é compreender as mídias, reconhecer e usar seu imenso potencial para o bem, proteger a nós mesmos e aos outros contra danos e discernir quando elas são a melhor ferramenta para a atividade em questão, desligando-as quando não for esse o caso. (Abreu; Eisenstein; Estefenon, 2013, P. 32).

Neste sentido, destaca-se o que diz o Manual de Orientação da SBP #MenosTelas #MaisSaúde (2019- 2021) sobre os fatores de proteção na Era Digital, entre eles: oportunidades e alternativas mais saudáveis, onde opções lúdicas, interativas e estimulantes devem ser ofertadas em primazia para as crianças como possibilidade de lazer e brincadeira, diálogo e respeito, considerando que os pais e/ou responsáveis são as principais fontes de exemplo e responsabilidade perante esses

indivíduos e que devem lançar mão do diálogo como ferramenta fundamental na instrução dessas crianças sobre o uso de telas com parcimônia e cuidado, além do apoio e resiliência familiar, que são fundamentais para a criação de vínculo, afeto e confiança dessa relação interpessoal que se estabelece desde o nascimento de um novo ser no seio familiar.

4 O PAPEL DOS PROFISSIONAIS SOBRE O USO DE TELAS NO COTIDIANO DE CRIANÇAS DE 0 A 6 ANOS

Inúmeras são as hipóteses que podem ser levantadas sobre os efeitos do uso das telas no princípio da vida. Com isso, é fundamental o suporte profissional para orientação dos pais e/ou responsáveis sobre como a exposição irrestrita de internet e telas podem prejudicar as crianças, tanto numa perspectiva presente, quanto para o futuro desses sujeitos. O Manual de Orientação da SBP (2016) recomenda aos profissionais da saúde que avaliem/aconselhem/orientem sobre o tempo de uso diário das tecnologias e celulares, *videogames* e computadores durante a entrevista ou consulta e correlacionam com os sintomas apresentados pelas crianças com esse uso. Destaca também a necessidade dos profissionais sinalizarem a importância dos fatores de proteção citados acima, reforçando a relevância do afeto e do convívio familiar de forma funcional para melhorar a qualidade no uso dessas ferramentas tecnológicas. Em relação à atuação do psicólogo, esse assunto se faz necessário tanto em uma perspectiva do desenvolvimento infantil, quanto das possíveis implicações posteriores na vida adulta desses sujeitos atravessados, desde a infância, pela exposição exacerbada às telas, o que afeta não somente sua relação consigo, mas também com o outro.

Os profissionais - tanto da área da saúde, quanto da educação - têm papel fundamental na orientação de crianças e responsáveis, pois eles são fonte de conhecimento e principais referências para as famílias quando o assunto é a construção do bem-estar infantil. A compreensão sobre como a relação com as telas está se desenhando no cotidiano das crianças é uma das ferramentas indispensáveis na propagação de informação e conscientização das famílias. Do mesmo modo, estabelecer uma comunicação horizontal entre os membros dessa rede de suporte irá beneficiar a formação de crianças mais saudáveis em todas as esferas do seu desenvolvimento.

5 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa aberta, multicaso, qualiquantitativa e observacional que foi desenvolvida com dez profissionais que atuam diretamente nos primeiros anos da infância, contactados a partir da indicação de pessoas da rede de contatos particular dos pesquisadores,

moradores da cidade de Volta Redonda e adjacências. Os critérios de inclusão para participar da entrevista foram: homens e mulheres; profissionais que trabalham com crianças entre 0 e 6 anos de idade; que já tenham, pelo menos, 6 meses de atuação em suas profissões e que sejam de diferentes especialidades dentro da área da educação ou saúde.

O estudo de caso, de acordo com Gil (1999), é caracterizado pelo estudo profundo de poucos objetos, objetivando conseguir conhecimento amplo dos mesmos. Permite o aprofundamento e a comparação entre poucos casos.

A pesquisa quantitativa é uma classificação do método científico que utiliza diferentes técnicas para quantificar opiniões e informações sobre um determinado estudo (Günther, 2006). Os meios de coleta de dados são estruturados através de questionários de múltipla escolha.

A pesquisa qualitativa, segundo Godoy (1995), dialoga com a seguinte afirmativa:

Um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. (Godoy, 1995, P. 62)

O método observacional, por sua vez, fundamenta-se em procedimentos de natureza sensorial. É a busca deliberada, levada a efeito com cautela e predeterminação em contraste com as percepções do senso comum (Vieira; Tibola, 2005).

As entrevistas iniciaram-se após a aprovação no Comitê de Ética sob o parecer nº 6.339.004. Sendo assim, no momento em que os nomes dos voluntários a serem entrevistados chegaram aos pesquisadores, a partir da indicação de pessoas da rede de contato particular dos pesquisadores, os mesmos foram contactados através de telefone, e-mail ou whatsapp, visando assegurar que, de fato, queriam colaborar com o estudo e que eram profissionais que trabalhavam com crianças na faixa etária 0 a 6 anos. Confirmadas tais condições, os entrevistados foram informados do compromisso dos pesquisadores com o anonimato, esclarecendo que a pesquisa seria realizada sob sigilo absoluto e que durante e após o término do estudo, todos os dados que identificassem o sujeito seriam confidenciais. Após este momento, foram conduzidos à leitura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)¹. As entrevistas, realizadas presencialmente e online, foram gravadas, com o consentimento dos entrevistados, para posterior transcrição da fala dos participantes. Ao fim deste momento, os entrevistadores enviaram para o participante o link do formulário para que o mesmo fosse preenchido e também utilizado como método de coleta de dados do presente estudo. Foi combinado entre ambos o preenchimento do formulário ao final da entrevista.

¹ Apêndice I

Os métodos utilizados para coleta dos dados foram, portanto, um roteiro de entrevista semiestruturada² e o preenchimento de um formulário do google³. As entrevistas semiestruturadas permitiram aos entrevistados discorrerem livremente sobre o tema que lhes for solicitado. Este tipo de entrevista, também denominado de “conversa com finalidade” (Minayo, 2004), apresenta o roteiro apenas como elemento orientador. A ordem dos assuntos abordados é determinada pelas preocupações e ênfases que os entrevistados dão aos temas e não obedece a uma sequência rígida (Minayo, 2004). Neste momento, os participantes foram instruídos a falarem livremente sobre sua experiência como profissionais atuantes na faixa etária de 0 a 6 anos. Em seguida da entrevista semiestruturada, os participantes da pesquisa responderam a um formulário cujas perguntas consistem em duas categorias: perguntas pessoais (sexo, faixa etária, cidade onde reside e profissão) e perguntas acerca da demanda profissional (como eles percebem o impacto das telas no desenvolvimento infantil).

Metodologia de Análise de Dados

O material qualitativo coletado foi trabalhado através da metodologia de análise dos discursos (Minayo, 2004). Foram selecionadas 4 dimensões temáticas que se revelaram importantes para os objetivos da pesquisa. Os dados do formulário foram coletados por meio de um questionário de múltipla escolha e os resultados foram analisados de acordo com as proporções das respostas obtidas.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 10 entrevistas ao todo, 6 com profissionais da área da saúde e 4 com profissionais da educação que atuam com crianças na faixa etária de 0 a 6 anos. As entrevistas ocorreram entre os meses de setembro e outubro de 2023, sendo a maioria de forma online. A única entrevista realizada presencialmente ocorreu dentro do campus do UGB-VR, por solicitação da entrevistada. A idade dos respondentes varia, sendo a maioria na faixa etária entre 30 a 39 anos (50%), seguido da faixa etária entre 20 e 29 anos (30%) e por último, a faixa etária de 50 a 59 anos (20%). Quanto ao município onde os entrevistados residem, 90% deles responderam que moram na cidade de Volta Redonda e 10% deles, em Rio Claro. Em relação aos municípios de atuação dos profissionais entrevistados, a maioria atua em mais de uma localidade, sendo apontados na pesquisa os municípios de Volta Redonda, Resende, Valença, Angra dos Reis, Barra Mansa e Rio Claro, todas no sul do estado do Rio de Janeiro.

² Apêndice II

³ <https://forms.gle/JBLbobCBes6R1oUi9>

Objetivando compreender o impacto do uso da internet na saúde de crianças de 0 a 6 anos, a partir da visão profissional, foram incluídas na pesquisa perguntas, através do google forms, que permitissem que os respondentes pudessem sinalizar suas percepções em relação à exposição precoce às telas. Em relação ao contato que as crianças têm com as telas, 60% dos entrevistados afirmaram que todas possuem contato, enquanto 40% dos respondentes pontuaram que a maioria tem contato com as telas. O celular foi o eletrônico mais citado como utilizado, obtendo 9 respostas. Os demais dispositivos eletrônicos citados foram tablet e smart tv, com 4 respostas cada e, por último, vídeo game e computador, com 2 respostas cada.

Em relação à motivação pela qual eles percebem a oferta das telas, os profissionais apontaram a distração (7 respostas) como a principal causa, seguido por lazer (5) e para comer as refeições (3). Ainda, todos os profissionais entrevistados apontaram que encontram mudanças de comportamento associadas ao uso excessivo de telas.

A Sociedade Brasileira de Pediatria (2019-2021), destaca alguns pontos problemáticos sobre a saúde de crianças e adolescentes na era digital. Dos problemas citados no questionário respondido pelos entrevistados, baseado no que destaca a SBP (2019-2021), todos os entrevistados assinalaram que percebem irritabilidade ou ansiedade exacerbada (10) e problemas na atenção e concentração (10). Se destaca também o uso problemático da internet (9), seguido de problemas no sono (7) e transtornos posturais (7), aumento da violência (6), problemas associados à autoestima (6), questões alimentares (5), exposição a questões do âmbito da sexualidade (4), problemas visuais (3) e problemas auditivos (2).

Com o intuito de facilitar a compreensão dos resultados obtidos, elaboramos uma tabela com informações básicas dos profissionais entrevistados e, em seguida, um texto de apresentação deles, destacando suas percepções e vivências profissionais à época das entrevistas.

Identificação	Sexo	Profissão	Tempo de atuação
Entrevistada 1	feminino	fonoaudióloga	6 a 10 anos
Entrevistada 2	feminino	psicóloga	6 a 10 anos
Entrevistada 3	feminino	pediatra	1 a 5 anos
Entrevistada 4	feminino	fisioterapeuta	21 anos ou mais
Entrevistada 5	feminino	professora	11 a 15 anos
Entrevistada 6	feminino	professora	6 a 10 anos
Entrevistada 7	feminino	professora	6 a 10 anos
Entrevistada 8	feminino	psicóloga	11 a 15 anos
Entrevistada 9	feminino	auxiliar de educação	1 a 5 anos
Entrevistado 10	masculino	psicólogo	6 a 10 anos

A partir da análise das entrevistas semiestruturadas realizadas com os entrevistados descritos na tabela, elaborou-se quatro dimensões temáticas a fim de melhor compreender a visão dos profissionais sobre o tema da pesquisa. A primeira: “Diferentes percepções sobre o uso de telas” traz à luz as opiniões dos entrevistados quanto ao grau de inserção das telas no cotidiano infantil, bem como sua visão sobre o uso de telas na sociedade, em geral. Volta-se também para a relação dos pais e familiares com as telas, a partir da visão dos profissionais, e como eles percebem esse impacto no dia a dia das crianças.

A segunda dimensão intitulada “Danos observados no momento presente”, tem como objetivo apontar as consequências que já são observadas pelos profissionais a partir do excesso de interação com telas, o que foi colocado por eles tanto de modo geral (onde apontam as implicações que veem de forma panorâmica), como em relatos específicos de pacientes ou alunos que já estão sendo diretamente percebidos com déficits no aprendizado e/ou desenvolvimento associados ao uso excessivo de telas.

Sabendo que esse contato com as telas pode desencadear consequências para o futuro destas crianças, “Possíveis danos para o futuro” é a terceira dimensão de nossa pesquisa que abarca o que os profissionais entrevistados entendem como possíveis danos futuros ocasionados pelo uso imoderado de telas na infância, bem como desdobramentos dos danos, na idade adulta, que já são percebidos hoje nas crianças.

Por último, a quarta dimensão “Como melhor viver com as telas?” busca compreender, a partir do ponto de vista dos profissionais respondentes, recursos alternativos para o lazer das crianças, tal qual as possibilidades de uso funcional das telas.

Primeira dimensão: Diferentes percepções sobre o uso das telas

A primeira dimensão retrata a percepção dos entrevistados sobre o uso de telas no geral. Como abarcou profissionais de duas áreas distintas (saúde e educação), as percepções e compreensões foram distintas, o que atribuímos essencialmente à vivência do profissional com o seu público.

A entrevistada 1 cita sobre como os pais/responsáveis pelas crianças lidam com as telas, tomando-as como aliadas para distrair e terceirizar o cuidado com as crianças. Destaca ainda um possível desconhecimento, por parte dos pais, das inúmeras problemáticas que o uso excessivo de telas podem vir a acarretar para o desenvolvimento infantil.

[...] Hoje em dia até os pais eu vejo que, por questão de privacidade, às vezes por querer descansar um pouco por conta da jornada de trabalho muito grande, então eles preferem dar uma tela, um celular na mão da criança, para eles terem um pouquinho de sossego, enquanto a criança está com aquele celular. Então a gente vê que é uma falta de controle né, dos próprios pais. É eles terem consciência disso, do quanto está prejudicando as crianças e tentar mudar esse quadro.

Já a entrevistada 4 cita sobre a dificuldade em desvincular ou blindar as crianças do acesso às telas e tecnologias em sua amplitude:

[...] A não ser que o bebê vivesse isolado do mundo né, porque eu acho que em algum momento isso acontece [...] o bebê não presta atenção só na tela [...] a percepção do bebê é muito maior do que a gente possa imaginar né [...] então eu acho que a gente não pode negar que isso é uma coisa que acontece, a criança já está percebendo por ela mesma, mesmo que alguém não apresente.

A entrevistada 2 cita os adultos, sobretudo os pais, como principais proporcionadores e exemplos para as crianças fazerem uso indiscriminado de telas: “[...] a gente precisa se policiar. A gente fica o tempo todo no celular. Como a gente vai privar as crianças de estarem nas telas se a nossa rotina é essa? [...] A maioria das pessoas dorme com o celular e acorda”. Em consonância com a fala da entrevistada 4, citada no parágrafo anterior, a entrevistada 2 também aponta que é inviável privar o uso de telas na infância, mediante a uma rotina atribulada, comum à maioria das famílias, mas que é necessário ter cautela.

Não existe como privar as crianças mais sobre essa tecnologia, né? A gente sabe todos os riscos. [...] Inclusive, a Organização Mundial de Saúde fala sobre isso, que até 2 anos a criança não pode ter acesso à tela, mas como que a gente faz isso se o mundo está imerso às telas? É quase impossível a gente tirar a tecnologia das crianças, né? Mas a gente precisa sim, tomar esse cuidado.

Em relação ao aspecto positivo do uso de telas, a entrevistada 5 traz a perspectiva de que a ferramenta pode ser utilizada de forma benéfica, mas salienta que o uso descomedido e sem monitoramento traz problemáticas para as crianças: “Eu acho que a tecnologia ‘tá’ aí pra agregar, a gente não pode fechar os olhos e falar que ela não é boa, mas eu acho que tem que ter o uso consciente e, principalmente, moderado com relação à criança [...]”.

Um fato de destaque em nossa pesquisa foi a percepção dos profissionais em relação ao aumento desmedido do uso de telas a partir da pandemia de Covid-19. Com a redução das atividades externas, fechamento das escolas e indicação de distanciamento entre indivíduos que não morassem na mesma casa, as telas foram ganhando destaque quando o assunto era lazer, distração e recurso escolar.

[...] Ah, com certeza. Principalmente depois da pandemia, né? Que muitas crianças [...] ficaram tendo aula online e aí começou essa exposição, mas eu acho que muitos pais já dão a tela para a criança desde pequena como uma forma de, tipo assim, é mais fácil né? “Então toma, mexe aqui” [...] pra não dar tanto trabalho e eu acho que desse tempo [a pandemia] para cá, aumentou bastante. (Entrevistada 7)

[...] Porque eu vejo que começou justamente esse excesso, dessa tela, no período da pandemia, onde as crianças... [...] muitas escolas começaram a aderir às aulas online né, e isso aí, depois, parece que fugiu do controle, do limite familiar né? A rotina da criança mudou e não conseguiram mais voltar para o eixo comum. Eu percebo que... Vamos supor, assim, antes da pandemia, uns 10 anos atrás, a gente via criança correndo na rua, brincando, subindo em árvore, [...] Os coleguinhas brincavam, tinha essa interação social, né? E depois da pandemia isso foi diminuindo [...]. (Entrevistada 1)

Sobre a falta de objetivo e finalidade para a exposição às telas, bem como a respeito da baixa compreensão de crianças mais novas sobre o que estão de fato consumindo através dessas telas, a entrevistada 8 pontua:

[...] Não preciso oferecer para aqueles que não se beneficiariam disso, né, e a gente acaba vendo bebê às vezes mamando no peito e a mãe oferecendo o celular para ele ver um desenho [...] acho que são meio que dois cenários: para alguns não ofereço, [...] é uma oferta descabida mesmo dos adultos e para aqueles que eu ofereço e que tem a demanda [...] vai ter que ter um controle de fora.

[...] Eu percebo algumas situações: o início muito precoce sem um objetivo mesmo né? Então assim, um exemplo, a criança não tem nem percepção do que se trata aquilo, não faz ideia o que é um celular ou uma galinha pintadinha. Ela tem meses, então ela está numa fase do desenvolvimento que não tem percepção sobre e aquilo já é oferecido para ela. Então eu vejo isso né, situações onde não tem nenhum benefício nem mesmo de distração porque a criança não faz ideia do que se trata, não tem uma utilidade mesmo.

A entrevistada 9 pontua sobre como o uso das telas pode se tornar uma ferramenta segregadora do indivíduo com o meio social em que ele está inserido, muitas vezes o privando de construir relações com outros sujeitos e até mesmo criando uma dependência daquele recurso e, por consequência, trazendo atrasos dentro do âmbito escolar e social.

[...] Eu acho que é ruim, porque isso atrasa a criança, faz com que ela fique anti social. Porque isso me fez lembrar do ano passado, onde um aluninho que eu tive, ele... [leve pausa] ele não conseguia brincar com as crianças e quando ele brincava ele sempre fazia alguma coisa chata, até que um dia ele fez com uma coleguinha. Aí a gente colocou ele pra sentar pra pensar e nisso ele começou a chorar. No que ele começou a chorar, eu perguntei por que ele estava chorando e ele disse que o tablet dele tinha quebrado e que o tablet dele era o melhor amigo dele. Eu achei isso muito estranho. Como é que uma criança tem um tablet como melhor amigo?

Através dessas contribuições, podemos ver que, em grande maioria, os profissionais da saúde e da educação percebem que o contexto familiar está totalmente interligado ao uso das telas para as crianças. Principalmente, por viverem uma rotina corrida e atarefada, as famílias acabam não conseguindo direcionar um tempo específico para fazer ou desenvolver outras atividades para além das telas. A distração e desligamento do mundo real que as telas proporcionam, parecem facilitar a logística familiar. Destaca-se, ainda, o papel dos pais como “espelhos” e modelos para os filhos, afinal, os pequenos adquirem o hábito das telas através do meio em que estão submetidos e da observação de conduta e afazeres de seus pais, responsáveis e demais cuidadores. Isso nos remete ao estudo da teoria do desenvolvimento cognitivo social de Bandura que compreende o meio como o principal proporcionador de aprendizagem para a criança, via modelagem. Possuindo as figuras principais em sua vida fazendo o uso diário de telas de maneira indiscriminada e integral, a criança facilmente adquire esse comportamento.

Segunda dimensão: Danos observados no momento presente

A partir da análise das respostas dos entrevistados, foi possível perceber inúmeros prejuízos no desenvolvimento das crianças nas mais diversas áreas. O contato precoce e, sobretudo, não supervisionado e sem controle, acomete a vida dos pequenos já no momento presente.

Sobre alguns impactos vistos em sua prática profissional, a entrevistada 1 aponta: “Eu tenho visto [...] alguns picos, né, falhas no desenvolvimento do sistema tanto motor, quanto cognitivo da criança, sabe? A gente vê prejuízos nisso e na linguagem também [...] o vocabulário das crianças é muito pobre.” O entrevistado 10, afirma:

[...] A partir dessa exposição você vê uma criança muito mais agitada, né, uma agitação psicomotora muito maior, porque a quantidade de estímulos que a tela promove neste indivíduo, é muito forte. Essa criança tem ali diversas cores, tem som, tem movimento, tem efeitos e tudo isso faz com que a nossa atenção fique em uma hiporprosexia, né [...] e cada vez você vai estimulando seu cérebro, você vai recompensando ele. Aí quando você não tem aquilo, você quase que entra em uma abstinência, você não consegue mais ficar sem aquilo [as telas].

Um fator importante a ser citado nessa dimensão é a questão da incapacidade ou dificuldade das crianças em se distanciar das telas, fazendo delas uma companhia em tempo integral. Sobre isso, a entrevistada 5 afirma:

Eu tenho relatos até de pais que o filho quer fazer o dever sentado de frente para televisão, sentado mexendo no celular. Eu tenho uma mãe que conversou comigo e falou que ela não sabe o que fazer com a filha dela, por conta do dever de casa. [...] a filha quer fazer com o celular do lado, então eu acho que isso de certa forma atrapalha, né? A questão do aprendizado ali, porque é um momento importante, é um momento que ela ‘tá’ fixando o conteúdo e acaba interferindo.

A entrevistada 8 pontua também sobre a necessidade das crianças permanecerem conectadas mesmo quando estão realizando atividades que proporcionam satisfação.

[...] Às vezes a criança já está fazendo uma coisa que é prazerosa para ela, a criança já está comendo batata frita, né, do *fastfood*, ela já está sentada na mesa, ela já está fazendo uma coisa que ela gosta e que é prazerosa e que tem todos os motivos do mundo para ela parar para prestar atenção naquilo e, ainda assim, ela está com o celular na mão.

Em relação às atividades de lazer, bem como o brincar e a socialização com os pares, fundamental a essa fase do desenvolvimento (Piaget, 1971), é possível encontrar certa limitação, uma vez que as telas se apresentam como prioridade. A entrevistada 6 comenta: “[...] O assunto das crianças hoje em dia é assim: “Ah, você já jogou o jogo tal? Você já viu não sei o que no *YouTube*?” A vivência delas é só essa, é só a tecnologia.” O entrevistado 10 também pontua: “Essas crianças estão cada vez mais inábeis socialmente, elas não têm quase habilidade social.”

[...] O que acontece é que as crianças acabam ficando com tédio também muito rápido. Do nada elas sentem que “ah não tem nada para fazer, ‘tô’ cansada” porque elas não conseguiram desenvolver essa capacidade de ser criativas, de imaginar, de inventar, de brincar porque elas têm ali o acesso a tela, que é mais rápido. (Entrevistada 7)

A parte da interação social tem sido muito reduzida também... É... tolerância ao compartilhar... Brincar com função, eles não sabem brincar com função. Não tem assim aquele faz de conta, tem dificuldade em manter o interesse em uma atividade que não seja de tela! Não tem, não busca por um brincar comum, um jogo... Eles não buscam por isso, são poucas as crianças que buscam. (Entrevistada 1)

Young e Abreu (2011) definem a dependência de internet em crianças como “uso excessivo e compulsivo da tecnologia relacionado ao uso de dispositivos digitais de uma criança” (p. 143), ocasionando uma preocupação exorbitante em permanecer online para não perder nada, além de interferir diretamente na socialização e no brincar das crianças. Como vemos nos relatos acima, é perceptível a dificuldade em deixar as telas de lado para aproveitar os momentos de lazer ou cumprir as responsabilidades escolares, como se as telas já fossem uma extensão corpórea na qual não se é possível viver sem. Essa situação dificulta que as crianças tenham novas experiências, exercitem a criatividade e imaginação, o que afeta progressivamente o seu desenvolvimento ao longo da vida (Piaget; Inhelder 1966).

Outros dois pontos de relevância nessa dimensão são o aumento da agressividade advinda de uma baixa tolerância a frustrações. “[...] Mas eu pego crianças agressivas mesmo [...] a hora, assim, que eu peço para deixar o celular, para poder examinar, aí começa um chororô, gritaria. Então, assim, a frustração mesmo da negação [das telas]”, comenta a entrevistada 3 sobre o uso de telas pelos pacientes durante o atendimento médico.

Eu percebo as crianças muito agitadas, agressivas e não é só quem joga jogo de agressividade, porque às vezes a gente escuta isso, né. “Ah porque ele joga joguinho só pra idade dele, não tem nada de agressivo, não faz sentido ele tá agressivo por isso.” E, na verdade, faz sentido sim, né, o uso abusivo de telas, televisão, celular, computador, ocasiona agressividade e isso é fato eu vejo isso com muita clareza no consultório. (Entrevistada 2)

As crianças, hiperestimuladas pelas telas, ficam cada vez mais aprisionadas às distrações infinitas da internet, o que reduz a interação social, afinal, tudo o que é necessário está ali, ao alcance das mãos, exatamente como quer e na hora que lhe é conveniente. Neste cenário, observa-se uma inabilidade na nomeação e elaboração dos seus sentimentos, visto que as telas, frequentemente, surgem como uma ferramenta extremamente útil para camuflar sensações conflitantes.

Muitos comportamentos se tornam impulsivos e automáticos, aliviando episódios recentes de tédio e estresse. [...] Algo que começou como uma distração na tela ou simples experimentação do objeto de consumo [...] passa a ser uma solução rápida para desaparecer sentimentos perturbadores e emoções difíceis com as quais as crianças e adolescentes ainda não aprenderam a lidar. (Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019-2021, p. 3)

Não existe um botão para acionar a felicidade, tampouco um aplicativo que solucione a angústia ou qualquer outra emoção complicada de sentir e explicar. Com isso, lidar com as impossibilidades, com o tédio e com o(s) não(s), gera uma onda de frustração acalorada que, frequentemente, desemboca em um ímpeto de agressividade e desorganização mental, em especial de crianças 0 a 6 anos que ainda estão, por conta de sua fase de desenvolvimento, aprendendo a lidar com os sentimentos e a frustração. Logo, algo que já não é fácil para crianças da faixa etária alvo desta pesquisa parece se agravar a partir da dinâmica estabelecida entre crianças e telas.

Terceira dimensão: Possíveis danos para o futuro

Dando continuidade aos danos no desenvolvimento global, mas pensando numa perspectiva futura, os profissionais apontaram para a intensificação na maioria dos danos citados na dimensão anterior, além de desdobramentos que podem vir a surgir na adolescência e/ou vida adulta das crianças de hoje. A entrevistada 9 pontua: “Eu acho que vem muito no impacto anti social né, que é aquele adolescente que só fica preso dentro do quarto, só fica ali na internet, não quer sair ou tudo quer fazer pela internet [...]”. Já a entrevistada 4 traz reflexões sobre a escassez na construção de relacionamentos advindo da imaturidade cognitiva. “Ah, eu acho que uma imaturidade de raciocínio, uma imaturidade de relacionamentos né, a incapacidade de relacionamentos, acho que o principal é isso. E aí no que isso pode trazer, que é um desastre.” Sobre a superestimulação das telas, a Coordenadora do Núcleo de Saúde e Brincar do Instituto

Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), Tanabe (2022, n.p) destaca que “o comportamento passivo da criança frente às telas pode também fomentar uma predileção por atividades que exijam menos cognitivamente, debilitando assim a capacidade criativa e crítica dos pequenos”.

Ainda sobre o impacto cognitivo por conta do excesso de estímulos advindos das telas, a entrevista 5 reflete sobre possíveis repercussões:

[...] Bom, eu acho que vai impactar no aprendizado ainda mais, porque hoje a tecnologia, ela... É tudo muito fácil, né, você encontra as respostas no Google. Tudo que você quer saber, você vai lá, pesquisa, você tem a resposta [...] então acaba que a pessoa vai ficando preguiçosa, não vai ter interesse em estudar porque se na internet tem tudo, então pra que vai querer estudar né? Pra que vai querer aprender alguma coisa, sendo que já tem pronto?!

A preocupação com a linguagem, bem como as habilidades sociais e a dificuldade em criar vínculos fora do online é recorrente entre as falas dos entrevistados, pois se para crianças pequenas este dano já é observável, ao longo dos anos pode vir a ganhar força e restringir as interações humanas, fazendo com que os nativos digitais percam o interesse na construção de afetos e tornando as telas sua principal rede de relacionamento.

[...] Penso que pode afetar um momento social, é... As crianças hoje em dia não sabem mais interagir, não sabem brincar, não sabem encontrar. [...] então eu percebo que a perda disso no futuro é perder esse contato, é perder essa interação. Os relacionamentos são muito online. (Entrevistada 2)

[...] Eu acho que prejudica a socialização. A tecnologia vai prejudicar a socialização, porque essas crianças, elas não interagem mais tanto, né? [...] Eu acho que pode prejudicar nisso, porque as crianças ficam mais impacientes [...] Eu acho que no futuro, a longo prazo, isso vai ser prejudicial. (Entrevistada 6)

[...] Elas têm uma dificuldade em socializar, uma dificuldade em brincar com outras crianças, [...] usar daquilo que ela tem para criar história, então a tela limita a criatividade, limita as habilidades sociais, limita a sociabilidade e isso são prejuízos que essas crianças já sentem na infância, mas eu acho que isso vai ficar pior quando elas entram na adolescência e depois na vida adulta. (Entrevistado 10).

Refletindo sobre outras possibilidades de impactos no futuro dessas crianças, a entrevistada 3 traz à tona a dificuldade de escolha profissional e como a dificuldade com a frustração, que já é presente nos dias de hoje, pode se intensificar por conta das imposições do mercado de trabalho.

[...] Olha, chega a dar medo, sabia? Porque eu tenho medo de como vai ser as frustrações nos trabalhos. O medo da escolha da sua profissão, porque a gente já tem que escolher a nossa profissão muito cedo, né? [...] Quando tiver que trabalhar, eu tenho certeza que vai interferir.

Acostumados a terem recompensas rápidas, estímulos irrestritos e baixa tolerância à frustração, os nativos virtuais ainda podem encontrar outros desafios ao longo de sua trajetória de vida, além

dos já percebidos, com destaque para a dificuldade de lidar com o outro e consigo, além da relutância do afastamento das telas e de conciliar seu uso com seus afazeres e obrigações. Inúmeros são os prejuízos que podem ser intensificados ou vir a surgir por conta da exposição precoce ou excessiva de telas durante os primeiros anos da infância, momento crucial do desenvolvimento para as fases seguintes. (Papalia; Olds, 2000). Como citado pela entrevistada 8: “[...] um uso que pode trazer uma limitação a estar condicionada ao celular, ‘sem o celular minha vida acabou’.” Dialogando com essa afirmação, é possível trazer a contribuição de Abreu, Eisenstein e Estefenon (2013) quando falam sobre o tecnoestresse que é caracterizado pelo desejo incontrolável de estar conectado a todo momento, sem conseguir realizar tarefas simples de forma separada e com a devida atenção. “É como se o cordão umbilical estivesse ligado matricialmente ao aparelho ou equipamento de tecnologia digital e se tentasse realizar múltiplas tarefas ao mesmo tempo”. (Abreu; Eisenstein; Estefenon, 2013, P. 235).

A frequência do uso de telas combinada com a falta de monitoramento e o excesso do tempo de uso aparece, portanto, como uma tríade base na criação de futuros jovens e adultos com grandes dificuldades de se desconectar do virtual, com prejuízos significativos na sua vida pessoal, profissional e social.

Quarta dimensão: Como melhor viver com as telas?

Nessa dimensão buscamos, através das falas dos entrevistados, como eles acreditam que seja a maneira ideal de viver melhor com as telas. Levando em conta que extinguir o uso e exposição às telas é praticamente impossível nos tempos atuais, destacamos a fala do entrevistado 1 que diz sobre ter que haver regras de uso para as crianças e salienta a importância do brincar no desenvolvimento global da criança.

[...] Então é preciso ter regras, acho que a casa, tudo na nossa vida, temos que ter controle de tudo. É, nada exagerado é bom, faz bem pra saúde e a tela é uma delas. Então eu orientei os pais pra estarem, é... oferecendo a tela o mínimo possível.

[...] É oferecer isso, brincadeiras. E se for fazer dentro de casa, que seja jogado para estimular o cognitivo da criança, que possa botar ela pra pensar. [...] Deixa a criança cair, levar choque, ralar o joelho. Isso tudo são coisas do brincar que preparam a criança pra idade adulta. Ele vai saber cair na vida e levantar. Ele vai saber se proteger de alguma outra situação. Hoje em dia a criança não pode correr, não pode brincar no pula pula se não vai ficar suado, vai ralar o joelho... Deixa ralar, depois melhora.

A entrevistada 2 pontua sobre a importância de reorganizar a rotina familiar, de modo que os pais possam estar inseridos dentro da vivência da criança, até mesmo no brincar, com uma escuta atenta e interessada pelos afazeres e desejos da criança. Ela pontua: “Eu oriento a isso, que a

gente dentro de cada família sabe a rotina que tem, a correria que é [...] mas eu oriento na organização da agenda dessa família que tire um tempo para poder brincar. “

[...] mas eu acho também que cada família tem questões para não sentar para brincar e isso tem que se olhar e tem que ser escutado por nós profissionais né por isso que não existe uma receita de bolo. Não é só dizer o que tem que fazer, não é o suficiente, a gente precisa entender o que que está por trás desse não fazer.

A entrevistada 3 traz uma perspectiva sobre ter medidas voltadas para os pais dessas crianças, onde eles possam compreender os malefícios que esse uso traz:

Eu acho que precisam ser medidas voltadas para os pais, entendeu? Para os pais compreenderem tudo isso, para os pais trabalharem mais, paciência, sabe? A compreensão do malefício dessa situação, porque assim, para tentar ter um pai e uma mãe mais voltada para a criança, dando mais atenção, alguma coisa que ajude eles a ter opções para eles, para poder tirar. Opções para “Ah, eu tenho isso para fazer com meu filho. Eu não preciso só ficar colocando ele no celular”, sabe? Mas eu acho que teriam que ser medidas a meu ver [...] voltadas para os pais.

A entrevistada 4 destaca o uso de tela de forma mais objetiva e com finalidades, pois ela não descarta a tela também como objeto capaz de colaborar no desenvolvimento da criança, desde que existam outras possibilidades e ambientes a serem explorados. Como ela diz:

[...] Eu não vou ser hipócrita de dizer que eu nunca uso tela no consultório, às vezes eu lanço mão numa apelação porque no meu trabalho com a criança às vezes eu preciso fazer uma manipulação que eu preciso da criança parada. Agora eu tenho certeza que aquilo ali que eu estou usando está sendo mais benéfico do que maléfico até porque o tempo é muito curto foi uma apresentação e eu não deixo de apresentar outro tipo de distração entendeu. E nem de construção porque a tela na maioria das vezes não é construtiva, então é mesmo para paralisar a criança e focar em alguma coisa, mas eu sei o que estou fazendo e eu falo isso com os pais né. Eu vou usar isso daqui como você pode usar em um momento onde há falta de outras condições e nunca é a primeira escolha.

A entrevista 5 discorre sobre achar necessário o suporte e a supervisão da família sobre o uso de telas e principalmente sobre os pais terem noção de como o brincar é uma ferramenta essencial para o desenvolvimento da criança: “Eles não têm muita noção, então a gente precisa orientar, a gente precisa educar para o uso correto, porque senão eles vão usar de forma incorreta, desenfreada e não vai dar certo, né? Então a gente tem todo esse trabalho.”

[...] Se os pais tivessem consciência da importância do brincar, eu acho que não ficaria o tempo que ficam na tela. Eu acho que eles brincariam mais, porque esse uso do celular, da tecnologia, eles ficam tão vidrados daquilo que eles mesmos não têm interesse em brincar. [...] Acho que se tivesse esse controle dos pais, se tivesse o uso consciente da tecnologia, acho que ia melhorar. (Entrevistada 5)

Ainda sobre a importância do trabalho com os pais, a entrevistada 6 comenta sobre o contexto familiar incorporar outras práticas para a criança brincar e se divertir, novas possibilidades de desbravar o mundo com os filhos.

[...] Acho que os pais poderiam proporcionar momentos de lazer [...] Dentro de casa, a família, eu acho que tem que proporcionar momentos em que essa criança possa brincar. Levar no parque, fazer alguma atividade diferente, jogar uma bola, fazer natação... Alguma coisa que tire um pouco elas ali das telas e dar, assim, nos momentos que não tem como né... Mas incentivar a criança a brincar.

A entrevistada 7 pontua sobre a importância de delimitar um tempo de uso para as telas, algo já sinalizado pela Sociedade Brasileira de Pediatria, e destaca a importância dos responsáveis pelas crianças compreenderem as problemáticas advindas do uso exacerbado das telas e, principalmente, estabelecerem regras e acordos, para que esse uso não se torne uma dependência.

[...] Eu acredito que a criança não deve ter um celular, isso é um ponto número um. Mas, é, até assim, pelo menos os pequenos, né? Até para os maiores, é estimular um tempo, ter um tempo limite [...] estipular um tempo para a criança estar mexendo ali eu acredito que esse é um ponto muito importante [...] é o conhecimento e depois é o controle dos pais mesmo, sabe? De não dar um celular na mão da criança e deixar ela consumir conteúdo até não poder mais.

A entrevistada 8 traz como alternativa saudável uma diminuição desse uso, como, por exemplo, não permitir o uso de telas em evento ou alguma festa:

Ah eu penso que diminuir o dano é diminuir o uso [...] Não dá para ser radical né? Então eu... se eu chegar num extremo... acho que, às vezes eu converso com os pais, se eu chegar no extremo eu vou ter que ser radical [...] Então acho que a correção e a prevenção está em usar menos, porque se eu uso menos... sei lá, nem que seja uma simples troca, não vejo mais vídeo no celular, vídeo eu vejo na TV, então a TV também tem um função, o celular vai passar a ser só pra tal coisa. Joguinho eu vou jogar lá no computador. Então eu uso o celular, eu uso a TV, eu uso o computador. Tô usando muitos eletrônicos? Tô, mas pelo menos eu distribuo isso de alguma forma né, e aí eu não estou em casa, quer dizer, não tenho a TV, não tenho o videogame, só tenho o celular, então o meu filme é lá na televisão que tá lá em casa, não é agora, aqui, no meio da festa. Então eu não vou usar pra assistir vídeo aqui. Ah, o joguinho é lá no vídeo game, que tá lá em casa e a gente usa no final de semana, então se eu tô num restaurante, eu não vou jogar joguinho, então eu começo a distribuir um pouco dessas coisas e não tá tão fácil acesso o tempo todo no celular. Então é reduzir o uso, reduzir esse sentimento de importância no celular [...]

Dentre as falas dos entrevistados, destaca-se ainda o uso das telas de forma didática dentro das escolas, capaz de proporcionar aprendizado e descobertas, mas atrelado, em especial, a crianças maiores e não do período a que se refere esta pesquisa.

[...] Então, acho que isso depende, pra mim, eu acho que seria melhor para crianças maiores, que aí eles têm uma matéria para aprender. Aí tipo assim, eles entrarem na internet, ver, ter informação, acho que é legal. Ajuda, mostra, tem imagem, mas uma criança de segundo período né, educação infantil eu não vejo muito benefício não. Você pode, de repente, colocar um vídeo alfabético, uma música... (Entrevistada 9)

Ainda sobre esta questão das telas na escola, também surgiu nas entrevistas a possibilidade do uso de telas de maneira ampliada e positiva:

Dentro da sala, tipo assim... [suspiro] é proibido né, não pode usar, mas agora que a Secretaria tá trazendo pra dentro de sala a tecnologia. Mostrando para essas crianças que tem coisas boas usando a tecnologia, que você pode aprender usando, que você tem que saber como usar. Porque tem muitos jogos que são, é... recursos didáticos né, que tem os vídeos que explicam muito bem, mostrar pra essa criança que não é só o lazer, que também pode usar como forma... como uma forma boa de aprender também, acho que é isso. (Entrevistada 6)

O entrevistado número 10 fala sobre a necessidade de haver uma articulação da escola e da família sobre essa problemática do uso de telas, pois ele compreende que efetuar essa reformulação no uso apenas em um dos espaços, não se fará eficaz.

Eu acho que tem que ser sistêmico. Tem que ter uma boa relação com a escola onde essa criança está inserida, porque não adianta diminuir o tempo em casa se na escola esse tempo permanece o mesmo. E aí esses pais precisam dedicar mais tempo pra essas crianças né, evitar usar o celular perto delas ou tablet né, evitar ficar o tempo todo, quando saírem com as crianças é pra se divertirem [...] não é pra ir pra um restaurante com a criança e deixa o celular ali, o tablet ligado e ela almoçando e aí eles conseguem conversar enquanto ela fica só olhando o desenho e tá almoçando.[...] A criança tem que participar, ela tem que interagir nesses momentos, ela não pode ficar isolada [...] Então por isso que eu falei, é um trabalho de orientação, mas é um trabalho a passos lentos né, porque isso não vai mudar rapidamente e eu acho que a gente tá tendo que aprender a lidar com as telas. Se você for pensar, a tecnologia avançou muito nos últimos... 5 a 10 anos e a gente não sabe ainda exatamente como lidar com isso.

Os profissionais entrevistados pontuam, em sua totalidade, a necessidade de haver uma reformulação do uso de telas, em especial no contexto familiar. Como citado pelas recomendações da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria), é necessário oferecer outras alternativas de atividades, criar regras saudáveis para o uso desses equipamentos, limitar o tempo de uso, entre outras recomendações. Do mesmo modo, é importante criar novos hábitos mais voltados a atividades cinestésicas como brincar de bola, corrida e brinquedos, bem como outras tantas possibilidades que trabalhem a parte criativa e lúdica da criança. Destaca-se ainda a importância de colocar os pais como figuras de interação deste momento de lazer e desenvolvimento de seus filhos, pois, como é citado por Bandura (1986) “o aprendizado é bidirecional: nós aprendemos com o meio e o meio aprende e se modifica graças às nossas ações.”

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do questionário e das entrevistas realizadas em nossa pesquisa, foi possível evidenciar a clara e incontestável presença das telas na vida cotidiana de crianças, inclusive na faixa etária de 0 a 6 anos. É válido salientar que não foi possível focar apenas nos aspectos do período da

infância de 0 a 6 anos, pois os profissionais entrevistados trouxeram diversas vivências e percepções que também abarcavam outros períodos da infância.

De forma geral, os entrevistados percebem as telas como ferramentas presentes no cotidiano infantil, sendo de uso constante e, comumente, sem supervisão dos pais e sem finalidade, utilizada como forma de distração, babá eletrônica e lazer primário para inúmeras crianças.

Os resultados obtidos apontam para uma iminente mudança no brincar, além de uma afetação generalizada no desenvolvimento global desses indivíduos, ocasionando mudanças como aumento da agressividade, baixa tolerância à frustração, ansiedade precoce, pobreza no vocabulário, inabilidade social, atenção reduzida, dificuldade em ser criativos e acessar recursos lúdicos e imagéticos.

É importante destacar a preocupação que os profissionais que se voluntariaram para a pesquisa demonstram ter com os inúmeros desdobramentos que a exposição às telas impõe ao público infantil e o papel que os mesmos podem exercer neste cenário. O lugar que ocupam, profissionais da saúde ou da educação, possibilita que conscientizem os responsáveis a respeito dos malefícios que as telas podem causar e orientem aqueles que já tem esse conhecimento, mas não sabem como melhorar essa relação simbiótica que se criou entre criança e tela.

Apesar das problemáticas abordadas pelos profissionais apresentadas nessa pesquisa, faz-se necessário pontuar que o intuito deste trabalho não é generalizar, tampouco destacar apenas os impactos negativos advindos do uso precoce das telas, mas sinalizar os danos presentes e futuros que os profissionais entrevistados percebem em seus alunos e pacientes como modo de conscientização e reflexão.

Recomenda-se que novas pesquisas sejam elaboradas a fim de ampliar o conhecimento sobre esta temática, visando uma abrangência sobre os impactos no desenvolvimento infantil associados ao uso excessivo de telas, uma vez que existem diversas outras lacunas a serem analisadas e aprofundadas dentro desse contexto, como implicações para postura, visão, alimentação, aprendizagem das crianças, dentre outros. Levando em consideração outras possibilidades de vivências socioculturais, econômicas e étnico-raciais, faz-se necessário a ampliação de estudos considerando tais recortes sociais, pois compreendemos que o uso e exposição às telas podem ser vivenciados de formas distintas a depender do meio onde elas estão inseridas. Acreditamos que quanto mais difundida, pesquisada e elaborada for esta temática, maiores serão as reflexões e arcabouços teóricos para pesquisadores, profissionais e acadêmicos da área de desenvolvimento humano compreenderem os impactos das telas nos primeiros anos da infância e, assim, auxiliarem tantos os pais como as crianças em busca de uma interação mais saudável com as telas.

8 REFERÊNCIAS

ABREU, Cristiano Nabuco, EISENSTEIN Evelyn, ESTEFENON Susana Graciela. **Vivendo esse Mundo Digital - Impactos na Saúde, na Educação e nos Comportamentos Sociais**. 1 ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

AGUIAR, João Serapião de. Aprendizagem Observacional. **Revista de Educação**. Campinas: PUC-Campinas, v. 3 n.º. 5, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/download/438/418/900>> Acesso em 6 set. 2023.

BANDURA, Albert. **Social Foundations of Thought and Action: A Social Cognitive Theory**. Englewood Cliffs, New Jersey: Prentice Hall, 1986.

COSTA, Elis Regina da; OLIVEIRA, Kênia Eliane de,. **A Sexualidade Segundo a Teoria Psicanalítica e o Papel Dos Pais Neste Processo**. Revista Eletrônica Campus Jataí – UFG. Vol. 2 n.11. Jataí/Goiás, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufj.edu.br/rir/article/view/20332/19287>> Acesso em: 12 ago. 2023.

FIOCRUZ. **O Uso das Telas e o Desenvolvimento Infantil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira (IFF/Fiocruz), janeiro de 2022. Disponível em: <<https://www.iff.fiocruz.br/index.php?view=article&id=35:uso-das-telas&catid=8>> Acesso em: 6 jun. 2023.

FREUD, Sigmund. **Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade, Análise Fragmentária de Uma Histeria ("O caso Dora") e Outros Textos (1901-1905)**; tradução Paulo César de Souza. -1 ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FUNDAÇÃO MARIA CECILIA SOUTO VIDIGAL. **Primeiríssima Infância - Interações na pandemia: Comportamentos de pais e cuidadores de crianças de 0 a 3 anos em tempos de Covid-19**. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/primeirissima-infancia-interacoes-pandemia-comportamentos-cuidadores-criancas-0-3-anos-covid-19/>. Acesso em: 27 maio 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à Pesquisa Qualitativa e Suas Possibilidades**. São Paulo: RAE - Revista de Administração de Empresas, 1995.

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: esta é a questão?**. Brasília: Psicologia: Teoria e Pesquisa, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Acesso à internet e à Televisão e Posse de Telefone Móvel Celular para Uso Pessoal**. 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101963>> Acesso em: 27 maio 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Fase de trabalho de campo. In: _____. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 2004.

MOTA, Márcia Elia da. **Psicologia do Desenvolvimento: uma perspectiva histórica**. Temas em Psicologia, Ribeirão Preto: v. 13, n. 2, p. 105-111, 2005. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2005000200003&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 17 nov. 2023.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos. **Desenvolvimento Humano (2000)**. Tradução de D. Bueno. Porto Alegre: Artmed (trabalho original publicado em 1998).

PIAGET, Jean. **A Formação do Símbolo na Criança: Imitação, Jogo e Sonho, Imagem e Representação**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, Jean; INHELDER, Bärbel. **A Psicologia da Criança**. (1966). Tradução de Octávio Mendes Cajado. 6 ed, Rio de Janeiro: Difel, 2012.

PILETTI, Nelson; ROSSATO, Solange Marques; ROSSATO, Geovanio. **Psicologia do Desenvolvimento**. São Paulo: Contexto, 2014.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação da SBP: Saúde de Crianças e Adolescentes na Era Digital**, 2016. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/2016/11/19166d-MOrient-Saude-Crian-e-Adolesc.pdf> Acesso em: 12 abr 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. **Manual de Orientação: #Menos telas #Mais saúde, 2019- 2021**. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/fileadmin/user_upload/22246c-ManOrient_-_MenosTelas_MaisSaude.pdf> Acesso em: 12 abr. 2023.

STATT, David A. **Introdução à Psicologia**. (1977). Tradução de Profa. Dra. Anita Liberalesso Neri. São Paulo: HARBRA, 1986.

VIEIRA, Valter Afonso; TIBOLA, Fernando. **Pesquisa Qualitativa em Marketing e Suas Variações: Trilhas para Pesquisas Futuras**. Curitiba: Revista de Administração Contemporânea, 2005.

YOUNG, Kimberly S; ABREU, Cristiano Nabuco de. (Orgs.). **Dependência de Internet: Manual e Guia de Avaliação e Tratamento**. Porto Alegre: Artmed. 2011.

APÊNDICE I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “O Impacto da Exposição Precoce às Telas na Primeira Infância: Um Olhar Multiprofissional Acerca da Influência Tecnológica no Desenvolvimento Humano”, sob responsabilidade e orientação da pesquisadora Profa. Dra. Camila Miranda de Amorim Resende e sua equipe formada pelos acadêmicos: Antônio Gabriel Moraes da Silva e Stefani Vicente Saito, tendo por objetivo analisar possíveis implicações da exposição precoce de crianças ao uso de telas e como profissionais da saúde e educação visualizam a interferência destes dispositivos eletrônicos no desenvolvimento da primeira infância. Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão de curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Geraldo Di Biase (UGB – FERP) de Volta Redonda.

Você será convidado(a) a dar seu depoimento sobre o tema em questão de forma livre, guiado apenas por um roteiro de perguntas elaborado pela pesquisadora principal. A entrevista será gravada para que depois seja ouvida e estudada pelos pesquisadores sem que sofra nenhuma alteração relativa ao que foi dito. O uso do gravador deve ser permitido por você, mas quando quiser que desligue é só falar. Após a transcrição das gravações, elas serão apagadas.

As informações obtidas serão utilizadas apenas para esta pesquisa e serão analisadas em conjunto com as informações obtidas de outras pessoas, não sendo divulgada a identificação de ninguém. Tudo o que você disser será tratado de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Apenas os pesquisadores envolvidos no projeto terão acesso ao material da pesquisa, não sendo permitido o acesso desse

material a terceiros, garantido sua proteção contra qualquer tipo de discriminação e ou estigmatização.

Caso haja algum desconforto ao longo da entrevista, você pode recusar-se a responder a qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento a qualquer momento.

Por se tratar de uma pesquisa do campo psicológico, os possíveis riscos também se voltam para esta área, ou seja, podem, no máximo, gerar algum desconforto emocional para os participantes. Se assim ocorrer, a pesquisadora principal, por ser psicóloga, profissional habilitada para tal, compromete-se em promover um acolhimento psicológico do sujeito envolvido.

A pesquisa não proporciona nenhum benefício direto a você, mas sua contribuição pode auxiliar novos estudos voltados ao desenvolvimento infantil. Não há despesas pessoais para você por conta da pesquisa assim como também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Você terá o direito de ser mantido(a) atualizado(a) sobre os resultados da pesquisa que sejam de conhecimento dos pesquisadores. Os resultados desta pesquisa, após sua conclusão, serão divulgados em meio científico, como periódicos referentes ao tema.

Em qualquer momento da pesquisa você terá acesso à profissional responsável pela pesquisa no endereço: R. Dep. Geraldo Di Biase, 81 - Aterrado, Volta Redonda - RJ, 27213-080. Telefone: (24) 3345-1700. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) no mesmo endereço descrito acima. – E-mail: cep@ugb.edu.br É possível também entrar em contato com os pesquisadores através dos seguintes contatos: Profa. Dra. Camila Resende: E-mail: camila.mdamorim@gmail.com - Tel.: (21) 97277-9021. Antônio Gabriel Morais da Silva: E-mail:antoniomorais2601@gmail.com - Tel.: (24) 99996-3166. Stefani Vicente Saito: E-mail: stehsaito@gmail.com – Tel.: (24) 99933-1765.

Acredito ter sido suficientemente informado(a) a respeito das informações sobre o estudo acima citado que li ou que foram lidas para mim. Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes. Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo e poderei retirar meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidades ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

_____ Data ____/____/____
Assinatura do(a) entrevistado(a)

_____ Data ____/____/____
Assinatura do(a) pesquisador(a)

APÊNDICE II

Roteiro para Entrevista Semiestruturada

Projeto: O Impacto da Exposição Precoce às Telas nos Anos Iniciais da Infância: Um Olhar Multiprofissional Acerca da Influência Tecnológica no Desenvolvimento Humano.

- Qual a sua percepção acerca do uso da tecnologia na infância?
- Você percebe que os responsáveis por proporcionar o contato das crianças com as telas/internet são majoritariamente os pais ou a rede de apoio?
- Dentro de sua vivência profissional, você percebe um aumento do uso de telas na infância atualmente? Se sim, comente.
- Você percebe danos proporcionados ou intensificados, dentro da sua atuação profissional, pelo uso de telas? Quais danos são esses?
- O que você pensa que esse uso pode trazer de impactos para o futuro dessas crianças?
- O uso da internet pela criança é um tema de debate e reflexão para você enquanto profissional? Há um diálogo seu com os pais/responsáveis?
- Você percebe alguma implicação do uso da internet no processo de desenvolvimento do seu paciente/aluno? Se sim, comente.
- Dentro dessa problemática você viabiliza algum método interventivo que possa ser feito para diminuir os impactos no desenvolvimento destas crianças?